

Vicente Carducho

Descida de Cristo ao Limbo

PT



Vicente Carducho
(Florença, c. 1576 – Madrid, 1638)
Descida de Cristo ao Limbo
1624-1632
Óleo sobre tela
269 × 220 cm
Igreja de São Domingos de Benfica /
Força Aérea Portuguesa

Nascido em Florença em 1576, Vicente Carducho viajou para Espanha ainda muito jovem, em 1585, acompanhando o seu irmão Bartolomé, que integrava o grupo de pintores italianos encarregues por Filipe II da decoração do Mosteiro do Escorial. Nomeado pintor régio após a morte do irmão, a sua

produção e influência – sempre ligadas aos desenvolvimentos da arte italiana – foram notáveis, pintando para a corte e, sobretudo, para diversas instituições eclesiásticas. Artista erudito, com uma vasta biblioteca, editou em 1633 os *Diálogos da Pintura*, explorando as principais doutrinas e práticas vigentes em Itália e sistematizando a aprendizagem da pintura, enquanto arte intelectual e teórica.

A série realizada para a Igreja de São Domingos de Benfica, da qual esta pintura fazia parte, integrava todo um programa de renovação do templo, decorrido entre 1624 e 1632 por iniciativa do prior do Convento, Fr. João de Vasconcelos. As seis grandes telas para as capelas laterais da igreja, bem como uma *Adoração dos Pastores* para o retábulo-mor, são importantes testemunhos da encomenda portuguesa em Madrid, em tempos de União Ibérica. O conjunto original era constituído por seis pinturas: *Transfiguração*, *Descida ao Limbo*, *Assunção*, *Pentecostes*, *Santos Auxiliares* e *São Domingos em Soriano*. Embora tal fosse já referido pelo dominicano Fr. Andrés Ferrer de Valdecebro (*Historia de la vida del V.P.M. Juan de Vasconcelos de la Orden de Predicadores*, 1668, Madrid), só em 1946 Cruz Cerqueira identifica Carducho como o autor do conjunto (sem deixar de apontar o dedo à falta de estudo dos painéis, «aos quais ninguém até agora ligou a menor importância»), num artigo publicado no *OLISIPO*, Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa». Nessa data já os painéis da *Transfiguração* e da *Ascensão* tinham sido substituídos por «outros modernos», e o *Pentecostes* estava queimado em toda a sua parte inferior. Da série original, e para além da *Adoração* no altar-mor, restam na Igreja apenas três pinturas, que foram recentemente restauradas para a exposição *Identities Partilhadas: Pintura Espanhola em Portugal*, devolvendo-lhes a monumentalidade e colorido.

O episódio da *Descida ao Limbo* (ou *Libertação das almas dos Patriarcas*) não



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

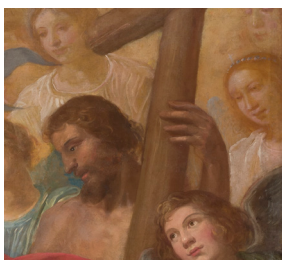


Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6

faz parte dos Dogmas da Igreja, não sendo descrito nos textos canónicos, mas as suas primeiras descrições encontram-se no *Evangelho Apócrifo de Nicodemos*¹. Nele se relata como, após o enterro e antes da Ressurreição, Cristo desce aos Infernos para resgatar a alma dos Justos – aqueles que, embora santos, tinham vivido antes da Encarnação e morte de Jesus, e que por isso ainda estavam condenados pelo Pecado Original de Adão e Eva, que só a possibilidade de batismo viria redimir. A relevância do tema (tanto doutrinal como iconográfica) levou a que fosse desenvolvido inúmeras vezes, tanto por intelectuais e teólogos como por artistas, especialmente a partir da Idade Média. A representação de Carducho parece seguir em grande parte o texto original de Nicodemos, embora a escolha das personagens não corresponda inteiramente a essa descrição (que entretanto tinha já sido ampliada em textos e discussões posteriores).

Em lugar de destaque está Adão, reconhecível pelas folhas de figueira que lhe cobrem a nudez, acompanhado de Eva (fig. 1); a seu lado São João Baptista, o que anuncia a vinda de Cristo, em pose de oração e identificável pelas vestes e o bordão onde se enrola a filacteria e, atrás de si, Moisés, que recebeu as «Tábuas da Lei», ostentando os «cornos de luz» (fig. 2); Em baixo Noé, que repovoou a Terra após o Dilúvio, representado com uma miniatura da Arca (fig. 3); finalmente, seguindo Cristo e entre anjos, o Bom Ladrão (fig. 4), carregando a cruz que é sinal da sua conversão e cuja presença ilustra o cumprir da profecia do anjo que o recebera no Paraíso, antecipando este episódio: «Aguarda um pouco, e eis que o pai Adão de toda a raça humana entrará com todos os seus filhos santos e justos, depois do triunfo e glória da ascensão de Cristo Senhor crucificado» (p. 407).

Curiosamente, Carducho vai também dar um corpo demoníaco a três personagens centrais ao relato original de Nicodemos: o Príncipe Satanás e o Inferno (que nesse texto é uma personagem que se desdobra em discussões com Satanás sobre o poder do Redentor – fig. 5) e a Morte, aqui esmagada

sob a porta (fig. 6). Como se resume no texto apócrifo: «Então o rei da glória, com a sua majestade, calcou a morte; e agarrando o príncipe Satanás, entregou-o ao poder do Inferno; e trouxe Adão para a sua claridade» (p. 395). É essa claridade, que no texto original anuncia a chegada do Redentor, como «um calor dourado do Sol e uma luz purpúrea e régia, que brilhava sobre nós» (p. 379), que o pintor escolhe como origem dos jogos de claro-escuro que dão forma à multidão dos Justos, em contraste com o fogo ardente mas sem luminosidade que grassa na cidade infernal, atrás das muralhas. É, aliás, neste manejo da luz, do colorido e de uma composição imponente mas cheia de movimento que melhor se revela a arte de Carducho.

Mas será no júbilo dos condenados, e sobretudo no seu equilíbrio compositivo e narrativo face à aparição da figura de Jesus, que esta pintura mais se destaca. Reunida num plano inferior, em ligeiro ângulo picado, a multidão mostra um misto de surpresa, alívio e alegria. Tal contrasta com a serenidade de um Cristo triunfante que parece ainda pairar no ar, de manto esvoaçante e pés mal tocando a porta derrubada, numa descida em diagonal que se inicia fora de campo, longe dos reinos infernais.

E se a razão para tal júbilo não seria estranha para um crente na salvação eterna, será nas palavras de Fr. Luís de Granada (*Livro de Oração e Meditação*, Madrid, 1556), que ela se descreve de forma perfeitamente adequada ao seu tempo, que continuava a ser o de Carducho e o de Fr. João de Vasconcelos:

«Dizem os que regressam a Espanha das Índias Orientais que têm por bem empregue todo o trabalho da navegação passada, pela alegria que recebem no dia em que voltam à sua terra. Pois se isto faz a navegação e o exílio de um ou dois anos, que faria o exílio de três ou quatro mil anos no dia em que recebessem tão grande saúde, e viessem tomar porto na terra dos vivos?»

MARTA CARVALHO

1
Séculos IV-V, aqui citado na tradução de Frederico Lourenço (2022).